O PAPEL DO PROFESSOR NOS TRANSTORNOS DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

GLAUCIA ATHENA UMEDA DO NASIMENTO

RESUMO

Os distúrbios de conduta são um dos problemas mais frequentes em crianças e adolescentes com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Estratégias e características de enfrentamento as personalidades dos pais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de alguns quadros psicopatológicos da infância e da adolescência. Programas escolares e os pais foram considerados por alguns pesquisadores a primeira escolha do tratamento para problemas de comportamento da criança no dia a dia. Por isso, como problematização deste estudo a seguinte pergunta é essencial: Qual o papel do professor no processo de aprendizagem de crianças que apresentam dificuldades de comportamentos por causa do TDAH? O objetivo geral deste estudo é analisar o que são essas dificuldades de comportamento por causa do TDAH, e como o profissional educacional deve agir para garantir a aprendizagem desse sujeito no âmbito escolar.

Palavras – chave: TDAH. Transtorno de Comportamento. Dificuldades de Comportamento.

INTRODUÇÃO

O transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) é uma doença psiquiátrica crônica e relativamente comum caracterizada por uma ampla gama de déficits no controle do comportamento e atenção. Existem três subtipos de TDAH: Tipo combinado é caracterizado por altos níveis de sintomas de problemas hiperativos, impulsivos e de atenção; tipo predominantemente desatento refere-se a indivíduos com sintomas significativos de problemas de atenção na ausência de hiperatividade e impulsividade significativa; tipo predominantemente hiperativo, impulsivo refere-se ao subtipo menos comum para indivíduos com hiperatividade, impulsividade substancial sem problemas de atenção sintomas.

Vale ressaltar que o TDAH só é diagnosticado quando a criança demonstra algum nível ou característica do transtorno de maneira repetida, persistente e que determinados comportamentos não condizem com a idade. Em geral, tem início no final da primeira infância, e tem maior predisposição em aparecer em indivíduos do sexo masculino do que feminino; e são afetados de maneiras diferentes, enquanto as meninas são menos compulsivas, hiperativas e desatenção, já os meninos tendem a demonstrar mais as características do TDAH.

A delimitação deste estudo é compreender o papel do professor no processo de aprendizagem de crianças que apresentam TDAH. As crianças na escola estão de certa forma, submetidas a processos que dificultam a sua aprendizagem e desenvolvimento e, e em alguns casos, o TDAH acaba por dificultar o seu processo de escolarização, embora, não podemos culpabilizá-las pelas suas dificuldades, sobretudo porque estão submetidas a uma sociedade que nem sempre cria as melhores condições para sua formação humana, pelo contrário, as condições sociais muitas vezes, dificultam e até impedem um processo de aprendizagem e desenvolvimento minimamente saudável e de qualidade. Por isso, como problematização deste estudo a seguinte pergunta é essencial: Qual o papel do professor no processo de aprendizagem de crianças que apresentam TDAH?

DESENVOLVIMENTO

O transtorno de déficit de atenção / hiperatividade (TDAH) está entre os transtornos neurocomportamentais mais comuns que se apresentam para tratamento em crianças, adolescentes e adultos. Este transtorno carrega uma alta taxa de problemas psiquiátricos comórbidos, como transtorno desafiador de oposição (TDO), transtorno de conduta, transtornos de humor e ansiedade e transtornos por uso de cigarro e substâncias. Ao longo da vida, os custos sociais e a qualidade de vida do indivíduo com TDAH não tratado são consideráveis, incluindo baixo desempenho acadêmico e ocupacional, delinquência, segurança de veículos motorizados e dificuldades com relacionamentos

pessoais.
Segundo Moura (2019), o TDAH afeta cerca de 4,4% das crianças e adolescentes em idade escolar, somente no Brasil, e com os dados de pesquisas e derivados epidemiologicamente mostrando que 4 a 5% dos estudantes em idade universitária e adultos têm TDAH. Nos últimos 10 anos, o reconhecimento e o diagnóstico de TDAH em adultos têm aumentado, embora o tratamento de adultos com TDAH continue substancialmente aquém do tratamento de crianças. Em contraste com uma taxa desproporcional de meninos com diagnóstico de TDAH em relação às meninas na infância, em adultos, um número igual de homens e mulheres com TDAH estão se apresentando para diagnóstico e tratamento (PONTARA, 2020).
Durante a última década, estudos epidemiológicos documentaram altas taxas de transtornos psiquiátricos e de aprendizagem simultâneos entre indivíduos com TDAH. Consistente com estudos infantis, estudos de adultos com TDAH encontraram altas taxas de transtorno de conduta na infância, bem como transtornos anti-sociais em adultos com este tipo de transtorno, e muitos, deterioram o humor, aumenta a ansiedade, agrava o transtorno por uso de substâncias e depressão.
A ansiedade muitas vezes confunde o diagnóstico e o tratamento do TDAH. Altas taxas de vários sintomas de ansiedade existem no TDAH e podem se manifestar como sintomas sociais, generalizados ou do tipo pânico.
Da mesma forma, o TDAH aumenta a probabilidade de ter um transtorno depressivo em pelo menos duas vezes. Curiosamente, dados recentes sugerem que o tratamento com a musculação e/ou exercícios físicos estimulante do TDAH ao longo do tempo pode diminuir o risco final de ansiedade e transtornos depressivos, relata Maia (2016).
Para Brogine (2021), foram levantadas preocupações sobre a responsabilidade do abuso de estimulantes e o potencial surgimento do abuso de substâncias secundário à exposição precoce a estimulantes em crianças com TDAH.
Essas preocupações são baseadas principalmente em dados de estudos com animais. No entanto, a preponderância de dados clínicos e consenso na área não parecem apoiar tal contenção. Por exemplo, em um estudo prospectivo de meninas com TDAH acompanhadas até a adolescência, uma redução significativa no risco de aprendizagem foi relatada em jovens tratados em comparação com jovens com TDAH não tratados, sem aumento (ou diminuição) do risco de uso de substâncias associada ao tratamento com estimulantes na idade adulta.
Uma literatura crescente relata a co-ocorrência de transtorno bipolar e TDAH. Estudos sistemáticos com crianças e adolescentes indicam taxas de TDAH variando de 57% a 98% em crianças bipolares; e, inversamente, taxas de transtorno bipolar em 22% das crianças e adolescentes com TDAH. Continua a haver muita controvérsia sobre a validade dos diagnósticos simultâneos de TDAH e instabilidade de humor grave ou transtorno bipolar. Enquanto o TDAH é caracterizado pelas características cognitivas e hiperativas / impulsivas típicas do transtorno, o transtorno bipolar (TBP) é caracterizado por instabilidade de humor, irritabilidade / raiva generalizada, grandiosidade, psicose, ciclicidade e falta de resposta à estrutura. Quando os indivíduos experimentam os dois conjuntos de sintomas, eles podem sofrer tanto de TDAH quanto de TBP (FERREIRA et al., 2020).
Transtornos comportamentais na infância e adolescência abrangem um conjunto de comportamentos que envolvem oposição às normas sociais e avisos de figuras de autoridade, cujo a consequência mais proeminente é o aborrecimento ou o distúrbio mais ou menos crônico da convivência com outras pessoas: Companheiros, pais, professores e estranhos.
A definição desses transtornos é influenciada por uma série de fatores próprios da psicopatologia infantil que dificultam a caracterização dos problemas, sua trajetória e seu resultado final. Esses fatores incluem a idade da criança, seu nível de desenvolvimento cognitivo, seu ambiente familiar e outros aspectos socioculturais.
Comportamentos avaliados como sintomas de um distúrbio em uma certa idade pode ser avaliado como normal em de outros. Da mesma forma, comportamentos potencialmente problemáticos costumam ocorrer em

vários graus ao longo do tempo e suas manifestações variam dependendo da idade. Idade e nível de desenvolvimento cognitivo influencia a maneira pela qual um certo comportamento é percebido e interpretado por adultos.

Por exemplo, é pouco os comportamentos agressivos de crianças de dois ou três anos que são percebidas por seus pais de uma forma problemática. Pais de filhos de dois ou três anos costumam reclamar de acessos de raiva e/ou agressões de seus filhos, mas considerar algo transitório, ao contrário do que costuma acontecer quando as crianças são mais velhas.

Outro fator que influencia é a avaliação da existência de um transtorno de conduta nos filhos e na família. Uma boa parte das crianças que frequentam uma consulta especializada compreendem que faz isso porque seu pais, um professor ou um médico mostraram algum tipo de raiva ou transtornos para eles.

Na maioria dos casos, a criança geralmente não está ciente do problema nem experimentou quaisquer problemas, destaca Poisk (2019).

O grau de tolerância dos pais em relação a este tipo o comportamento é altamente variável: Alguns pais são capazes de justificar uma série de comportamentos destrutivos e agressivos e inadequado como algo "próprio para crianças", enquanto outros são incapazes de aceitar a menor birra ou um simples desafio de uma criança e peça ajuda profissional imediatamente. Portanto, a tolerância dos pais, seu estilo educacional e suas habilidades para lidar com estas situações desempenham um papel relevante na própria definição dos problemas das crianças.

Como demonstrado acima por alguns autores, a definição de comportamentos disruptivos vai depender, por um lado, da idade da criança e, por outro lado, da avaliação que fazem os pais ou outros adultos importantes. Mas há outro fator a levar em consideração: Alguns comportamentos problemáticos são característicos de um determinado estágio de desenvolvimento criança normal e tende a desaparecer em momentos evolutivos mais avançados.

Comportamentos anti-sociais que surgem de isoladamente, geralmente não têm significado clínico ou social para a maioria crianças. No entanto, se esses comportamentos forem presente de forma extrema e não remete pode ter repercussões ao longo do tempo, isso é importante tanto para a criança quanto para seu ambiente.

Um dos mais determinantes que nos permitem falar de um problema de comportamento é a manutenção na época desses comportamentos anti-sociais embora no início fossem considerados dentro dos limites da normalidade.

A persistência ao longo do tempo desses comportamentos implica sua intensificação e seu caráter extremo como consequência de novas condições de desenvolvimento infantil e da adolescente e pela relevância social e legal que eles possam ter.

Em última análise, a maioria das crianças mostra em algum momento comportamentos circunstanciais desajustados. Diagnóstico de desordem no comportamento será atribuído a essas crianças exibindo padrões extremos de tais comportamentos. Especificamente, será aplicável a crianças e adolescentes que mostram de uma forma comportamentos anti-sociais frequentes, aqueles mostrando um desequilíbrio significativo no funcionamento diário em casa, na escola e aqueles que são considerados incontroláveis por pais e professores Da Silva (2018).

Esses critérios não formais são o que, em muitas ocasiões, eles deveriam ser em consideração, uma vez que os estudos realizados, até agora, eles não deixaram claro a prevalência de certos comportamentos em períodos específicos de desenvolvimento, embora eles tenham permitido deduzir algumas conclusões: Por um lado, aos comportamentos oposicionistas, comum em certos momentos de desenvolvimento, eles não podem ser atribuir significado clínico ou jurídico, ou são preditivos de patologias subsequentes apesar de ser dado com alguma intensidade em alguns momentos; por outro lado, alguns comportamentos anti-sociais diminuem durante todo do curso de desenvolvimento normal.

Além disso, deve-se considerar que certos comportamentos disruptivos funciona em diferentes estágios de desenvolvimento. A conquista da independência é uma das tarefas de estágios de desenvolvimento da pri-

meira infância. As crianças experimentam a mudança que vai ser dependente de ser criança; como verbal, dinâmicos, exploradores de ambientes e atores fora da esfera familiar. O desenvolvimento cognitivo da criança é rápido, desenvolve autoconceito, aprende que seus comportamentos têm consequências em outros e verificar seus próprios limites. Muitos pais promovem a independência em certos hábitos, mas sua autonomia, em outros casos, pode ser considerada problemáticos.

O comportamento é usado como uma medida da personalidade humana, então de uma forma que, em grande medida, somos o que fazemos; se o comportamento começar a ser desviado, ultrapassar os limites de normalidade estabelecidos para viver ou conviver na sociedade e afetar o ambiente pessoal, familiar e social do indivíduo, já demonstra um distúrbio comportamental que pode levar a idades posteriores em transtornos de personalidade, como padrões de comportamento e interações interpessoais permanentes nos primeiros anos da criança e com pouca probabilidade de mudança ao longo da vida.

Problemas com TDAH são para Alencar et al., (2020), independentemente das circunstâncias sociais ou familiares associados, preditores de uma personalidade anti-social, embora apenas em 50% dos casos, daí a importância e justificação de uma intervenção precoce.

Uma das principais funções das escolas é preparar os alunos para a vida adulta, incluindo a preparação para a convivência; É necessário desenvolver centros educacionais inclusivos em que a igualdade seja uma das bases em que se baseia, chegando à formação e integração pessoal e social dos alunos. Conforme indicado por Dos Santos (2016) uma pedagogia focada em meninos e meninas e baseada na cooperação são os meios mais eficazes para se alcançar uma educação integral para todos.

A abordagem de classes uniformes em uma sociedade é incompreensível e tão heterogênea quanto aquele em que vivemos, dessa forma estaria abandonando conhecimento que só pode ser alcançado através de relacionamentos com pessoas de todos os tipos, fornecendo perspectiva e experiências diferentes.

É um fato suficientemente conhecido o quão difícil é para a grande maioria dos pais e professores identifica indicadores prematuros que podem apontar para um distúrbio, como o TDAH; dificuldade que se estende até mesmo a pediatras, psiquiatras, psicólogos e pedagogos quando se trata de quem são os profissionais que eles devem participar do diagnóstico e tratamento de tal distúrbio.

Uma instituição baseada em abordar as diversidades que provoca a existência de barreiras de aprendizagem, para as quais que são necessárias metodologias que funcionem de acordo com essas diferenças, tanto em sala de aula como em toda a comunidade educacional.

Pontara (2020) defende a ideia de que todas as pessoas que se dedicam à educação buscar alcançar uma educação de qualidade, capaz de atender às necessidades de todos os alunos, e que, trabalhando em sala de aula, todos os alunos são capazes de se desenvolver ao máximo suas habilidades intelectuais.

Por outro lado, deve-se levar em consideração que cada o aluno tem seus próprios interesses, motivações e habilidades. Para que tudo isso seja possível, é claro que temos que alterar a estrutura de ensino-aprendizagem nas aulas, que visam a personalização da aprendizagem, a autonomia dos alunos e aprendizagem cooperativa.

Portanto, as principais dificuldades enfrentadas por pais, professores e os resto dos profissionais neste campo dos distúrbios comportamentais são as relacionadas ao diagnóstico e às dificuldades de prevenção e tratamento (falta de informação na família, má formação dos professores, falta de conhecimento de estratégias educacionais e psicológicas para o tratamento em sala de aula e em casa, falta de profissionais, etc.). Demonstrar como é possível esses alunos terem uma aprendizagem da mesma forma que o restante dos alunos.

Diferentes tópicos sobre a pedagogia, de acordo com cientistas e pesquisadores, e o surgimento de diferenças em suas visões da história, e atribuíram a multiplicidade de assuntos da educação à diversidade e aos diferentes problemas que podem ocorrer

durante o processo de aprendizagem e desenvolvimento, e resultados que os pedagogos podem produzir em um indivíduo, principalmente em crianças. O pedagogo tem a função educacional de realizar as seguintes atividades:

Conhecimento e compreensão das características do desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos; físico, emocional, moral, social e cognitivo.

Métodos de ensino modernos e eficazes, bem como controle de situações educacionais em diferentes ambientes educacionais.

Testes de QI e habilidades mentais que medem as habilidades e os desenvolvimentos mentais dos alunos, bem como maneiras de entender traços e padrões de personalidade.

Métodos e condições para o estabelecimento de testes psicológicos e educacionais, e os princípios e bases para o desenvolvimento de testes de aproveitamento por meio de métodos eficazes que confirmam a consecução do objetivo do processo educacional.

Compreensão da vida social e interativa que surge entre os alunos e entre alunos e professores.

Teorias educacionais que lidam com o processo de aprendizagem, métodos científicos de processo e medição de aprendizagem e fatores que os afetam negativa e positivamente.

O processo de ajuste social e escolar no ambiente educacional dos indivíduos, além da saúde mental dos alunos e seus níveis durante o processo educacional.

Os processos de aprendizagem e desenvolvimentos são processos complexos, nos quais o pedagogo precisa de desenvolvimento contínuo de suas habilidades educacionais e métodos de ensino para se adequar a objetivos educacionais gerais e específicos, para atingir esses objetivos e garantir que o processo educacional seja bem-sucedido em realizá-los (MAIA et al., 2016).

A pedagogia se beneficia das experiências de outros profissionais e de suas experiências no campo da educação, a fim de desenvolver teorias únicas de aprendizado e métodos e apresentar os princípios e leis básicos para a aplicação dessas teorias, além de mostrar a importância e papel do professor educacional através da realização de testes de medida educacional e comportamental, e levando em consideração as diferenças individuais entre os grupos de estudantes.

Enriquecer os professores com as leis e os fundamentos das teorias que explicam e controlam o processo educacional, para aplicá-las de maneira científica e objetiva no ambiente escolar e na sala de aula e fornecer a essas teorias possíveis sugestões para alguns problemas que possam estar expostos, como professor ou aluno durante diferentes situações educacionais.

As informações e habilidades mais importantes fornecidas pelo pedagogo à equipe educacional; é exclusão e inclusão de teorias e opiniões educacionais baseadas em impressões pessoais e observações imprecisas e subjetivas. Algumas dessas opiniões foram baseadas em experiências pessoais e pontos de vista subjetivos e muitas vezes contradizem os fundamentos de fatos e teorias científicas, e avaliam essas teorias submetendo-as a pesquisas científicas organizadas de forma educativa e ponderada (ALENCAR et al., 2020).

Prestar assistência aos indivíduos responsáveis pelo processo educacional, a fim de identificar os insumos e elementos do processo educacional, como as características dos alunos e o ambiente educacional, e seus produtos provenientes de ferramentas de avaliação e medição e testes educacionais.

Fornece ao professor as habilidades de descrição científica e o entendimento teórico do processo educacional da educação, e isso através da realização dos objetivos da pedagogia geral de entender o processo educacional e seus componentes, prever a produção e tentar o controle.

Por fim, precisa de um diálogo entre professor-aluno. No final da aula, o aluno se aproxima do professor para lhe ensinar sua autoavaliação. Uma vez que ele o professor tem visto a autoavaliação do aluno, ele deve reforçar o positivo, enfatizando muito seu esforço e deve apontar o que o aluno precisa melhorar para a próxima hora. Então o professor assina e o aluno salva o registro para a próxima aula.

Com esta técnica, é possível garantir que o aluno seja capaz de observar os seus próprios comportamentos, que ele sabe o que o professor espera dele em todos os momen-

tos, e que ele estabelece uma relação professor-aluno positiva, discutindo seu comportamento, destacando os aspectos positivos, e indicando aqueles em que o aluno deve melhorar na próxima aula.

É sabido por todos que a adolescência é uma fase evolutiva caracterizada por crítica do adolescente a todos os modelos de autoridade estabelecidos. É um estágio de mudança, inseguranças, descoberta, adoção e consolidação de atitudes, normas e valores que perdurarão por toda a vida adulta. Portanto, a partir do contexto escolar é considerado além da transmissão de conhecimento, saber fazer, viver e conviver em sociedade. Dos centros de ensino secundário obrigatório, vem observando nos últimos anos um aumento da violência e agressividade, o que se traduz em um alto grau de desorganização dentro das salas de aula.

Os professores se veem com menos ferramentas a cada dia para lidar com ofensas, insultos, desafios e outros comportamentos criminosos que serão os precursores no futuro imediato do uso de drogas, problemas com a lei e tudo, desajustamento social. Por este motivo, a implementação nos centros educacionais é de vital importância na prevenção e correção de comportamento destrutivo (BATISTA et al., 2017).

Um exemplo comum na gestão do comportamento na adolescência são os contratos de contingência. Como o próprio nome sugere, esta técnica consiste em estabelecer uma negociação, geralmente entre professores e alunos, ou pais e filhos. Neste contrato especifica o que é exigido do adolescente, seja academicamente bem comportamentalmente, e quais serão as consequências que ele alcançará com a sua conformidade. É aconselhável estabelecer um prazo para a revisão do contrato e, claro, que as condições aí estabelecidas são justas para ambas as partes intervenientes.

No que se refere às condições deste tipo de contrato, deve-se ressaltar que não costuma ser eficaz com crianças pequenas ou com pouca capacidade de compreensão; e isso deve ser negociado entre as partes envolvidas.

Os comportamentos devem ser claramente definidos em termos consequências positivas a serem realizadas pelo aluno e consequências positivas (recompensas / privilégios) que o adolescente obterá por eles, bem como as consequências negativas (perda de privilégios) que surgirá do seu não cumprimento e que deve ser revisto periodicamente para avaliar a sua conduta e introduzir as modificações que forem acordadas entre as partes.

Outra técnica de gerenciamento de comportamento útil para adolescentes é a autoavaliação reforçada. Este procedimento é uma combinação da avaliação do comportamento e sistemas de economia, ou seja, benefícios em troca do comportamento. Pode ser aplicado com crianças de diferentes idades, mas é especialmente indicado para alunos adolescentes, uma vez que, neste nível educacional, professores e alunos relutam em usar procedimentos de gestão de contingências. É uma técnica simples de realizar a prática que tem se mostrado útil para: a) motivar e facilitar o cumprimento das regras do comportamento básico em sala de aula; b) melhorar as interações sociais em sala de aula, uma vez que reforçar comportamentos socialmente positivos é importante; c) ajustar a autoavaliação do comportamento e desempenho de alunos com problemas de comportamento para os padrões normativos (MARTURANO et al., 2016).

Esta técnica consiste em fazer um registro de auto-observação e autoavaliação. Primeiro, os professores devem apontar os comportamentos inadequados que a criança ou adolescente realiza com mais frequência, e formular uma frase em que esse comportamento aparece. O aluno, alguns minutos antes do final da aula, irá avaliar seu próprio comportamento (atenção ao professor, postura na cadeira, interrupções, colegas irritantes, comportamentos de oposição, agressões, etc.) apontando com uma cruz a frase que melhor o descreve.

Por fim, haverá um diálogo entre professor-aluno. No final da aula, o aluno se aproxima do professor para lhe ensinar sua autoavaliação. Uma vez que ele o professor tem visto a autoavaliação do aluno, ele deve reforçar o positivo, enfatizando muito seu esforço e deve apontar o que o aluno precisa melhorar para a próxima hora. Então o professor assina e o aluno salva o registro para a próxima aula.

Com esta técnica, é possível garantir que o aluno seja capaz de observar os seus próprios comportamentos, que ele sabe o que o professor espera dele em todos os momentos, e que ele estabelece uma relação professor-aluno positiva, discutindo seu comportamento, destacando os aspectos positivos, e indicando aqueles em que o aluno deve melhorar na próxima aula.

A didática como ferramenta pedagógica auxilia no planejamento diário, além de incentivar os alunos ao processo de ensino-aprendizagem, qualidade tecnológica que corresponde às reais necessidades da educação em nosso país, o Brasil, você precisa pensar sobre o ensino além da simples renovação no ensino e na aprendizagem.

O desafio reside não apenas no surgimento ou criação de novos procedimentos de ensino, mas também de uma maneira diferente para facilitar o trabalho do professor e o aprendizado do aluno. Além disso, o ensino está envolvido na busca de práticas pedagógicas que promovam um ensino verdadeiramente eficaz, com significado e importância para os alunos e que contribua para a transformação social.

A didática foi desenvolvida como parte essencial da pedagogia geral e da formação de professores, e as competências didáticas incluem uma visão geral de diferentes métodos didáticos e abordagens de design instrucional, bem como a compreensão de diferentes cenários para atividades de ensino e aprendizagem. Ajuda a expandir o horizonte de conhecimento, o uso de novas tecnologias e novas formas de comunicação.

As competências pedagógicas incluem o desenvolvimento de recursos de ensino e aprendizagem, técnicas de ensino, e-learning, avaliação dos alunos, motivação dos alunos e gerenciamento da sala de aula, os professores (escola ou universidade), portanto, precisam ser sensibilizados quanto à necessidade de melhorar as competências didáticas, a prática pedagógica baseia-se em conhecimentos sólidos, amplos e atuais da área, bem como no conhecimento da aprendizagem dos alunos e no ensino e questões de aprendizagem com base na disciplina. Pressupõe também uma abordagem reflexiva e crítica ao ensino, aprendizagem e desenvolvimento pedagógico ao longo do tempo.

Portanto, os professores precisam desenvolver competências didáticas no campo das atividades de ensino-aprendizagem que ajudam a criar conhecimento de maneira aberta e com nova perspectiva. A qualidade do professor se reflete no desempenho do aluno, o professor deve estar mentalmente preparado para o desenvolvimento de competências didáticas e pedagógicas, a fim de tornar os alunos competentes no mundo competitivo (BROGINE, 2021).

CONCLUSÃO

Existem vários desafios enfrentados por profissionais da educação que trabalham para entender o TDAH. Primeiro e mais importante, as evidências apoiam o TDAH como uma condição séria que resulta em um padrão identificável de sintomas, déficits associados e comprometimento significativo do TDAH em um grau muito semelhante ao que já é bem compreendido.

Os resultados deste estudo indicam os benefícios potenciais do professor em relação a aprendizagem de longo prazo para pessoas com TDAH tem efeitos bastante robustos na intensidade de aprendizado e controle dos sintomas de TDAH e funções executivas que tenham sido demonstrados em crianças com TDAH, outros métodos de aprendizagem tem efeitos benéficos para crianças com esse transtorno, bem como efeitos em adolescentes, mas não foram investigados suficientemente.

Devido a deficiências metodológicas (por exemplo, falta de uma condição de controle adequada), os resultados de estudos de intervenção de longo prazo devem ser interpretados com cautela. No entanto, as descobertas existentes motivam mais ensaios clínicos randomizados e bem planejados examinando o papel do professor como uma terapia adjuvante ou autônoma para o TDAH em crianças durante o processo de aprendizagem.

Quanto à intervenção pedagógica, requer um alto conhecimento dos diferentes distúrbios, bem como técnicas. Por outro lado, muitas vezes é complexo realizar intervenções a partir do contexto escolar, visto que o aluno não tem um padrão concreto, mas uma intervenção onde aparecem outros sis-

temas e subsistemas, como a sala de aula, centro, família, etc.

No entanto, este estudo concluí que a formação de professores, o envolvimento de departamentos de orientação (no ensino médio) e serviços psicopedagógicos escolares ou municipais (em creche e ensino fundamental) facilitam a implementação das diferentes medidas preventivas e / ou corretivas para alunos com dificuldades em auto-regulação de seu comportamento. Nesse sentido, não é tradicionalmente que as crianças com problemas devido ao TDAH recebem treinamento em habilidades sociais de um pedagogo fora da aula regular, mesmo sendo necessário. Consequentemente, a transferência e generalização de habilidades treinados tornaram-se uma preocupação fundamental, pois os programas têm sido focados em comportamentos em ambientes que têm pouca relação com o contexto da sala de aula regular e seu ambiente social. Intervenções que adotaram uma abordagem para colaboração entre professores e psicólogos escolares pode ser classificada como mais aceitável por professores que identificaram intervenções que foram implementadas por psicólogos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Iêda de Sousa Carvalho; DE RESENDE, Gisele S. Lira. Práticas pedagógicas com crianças que apresentam transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Revista FACISA ON-LINE, v. 9, n. 1, 2020.

BATISTA, Saulo Valmor; MARTURANO, Edna Maria. Intervenção para promover habilidades sociais e reduzir problemas de comportamento de crianças em um núcleo social. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 10, n. 2, p. 313-326, 2016.

DA SILVA, Marcelo Oliveira. A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil. Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, p. 107-117, 2018.

FERREIRA, Célia Delian da Silva Lima. Os desafios do professor com a mediação do ensino aprendizagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). 2017.

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. Revista Perspectiva, v. 39, n. 148, p. 73-84, 2016.

MARTURANO, Edna Maria; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. Família, dificuldades no aprendizado e problemas de comportamento em escolares. Educar em Revista, p. 123-139, 2016.

MOURA, Luciana Teles; SILVA, Katiane Pedrosa Mirandola. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula. Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 22, p. e216-e216, 2019.

POISK, Camilla Casotti. Psicopatologias na infância e na adolescência. FAG JOURNAL OF HEALTH (FJH), v. 1, n. 4, p. 91-99, 2019.

PONTARA, Brenda. O aluno com TDAH: os desafios e o papel do professor. 2020.